

## Veneno remédio: o futebol e o Brasil

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

por

Enrico Spaggiari

Doutorando em Antropologia Social

Universidade de São Paulo

Desde meados da década de 1990, surgiram inúmeras publicações brasileiras que têm como tema e objeto de estudo o universo futebolístico. Livros, teses, dissertações e artigos sobre futebol vêm ganhando espaço dentro da produção acadêmica e editorial. Nos últimos três anos, uma das principais editoras do país, a *Companhia das Letras*, trouxe para um público mais amplo obras de respeitados pesquisadores e professores universitários, ultrapassando os estreitos corredores acadêmicos das ciências humanas.

Professor de literatura da Universidade de São Paulo (USP), compositor, músico, escritor e boleiro, José Miguel Wisnik demonstra ser polivalente, como um dos muitos “coringas” que passaram pelo futebol brasileiro, o que contribui para a construção de seu ensaio de caráter interpretativo, pois embora o futebol seja o tema maior do ensaio, outros campos de domínio do autor emergem para a construção dos diversos diálogos interdisciplinares pretendidos por Wisnik. Futebol, música e literatura aparecem entrelaçados, bem como articulados com outras ciências, principalmente filosofia, sociologia e antropologia.

Dividido em quatro partes, o livro traz uma reflexão original sobre o futebol, esporte que segundo Wisnik pode ser compreendido como uma linguagem não-verbal que tem como característica a pluralidade, que comporta diversas narrativas e que carrega suas próprias

contradições e paradoxos, muitos deles investigados nas 446 páginas do livro. Tudo é analisado por Wisnik: os marcadores sociais de diferença; a violência nos estádios; a “reinvenção” do futebol no Brasil, sua capacidade inventiva e de improvisação; o debate sobre a inserção do negro no futebol brasileiro; as epifanias geradas durante e após as Copas de 1938 e 1950; relações de poder no futebol; etc.

Para lidar com esta amplitude de temas, Wisnik investigará a originalidade e singularidade desta prática “reinventada” no cotidiano brasileiro do século XX. “O que tanto interessa no futebol?” (p.57). Um fenômeno que no Brasil é, ao mesmo tempo, a doença e seu próprio antídoto; segundo Wisnik, o veneno e o remédio. Contudo, longe de ser apenas uma “metáfora” da sociedade, como o autor faz questão de lembrar (p.66), o futebol revela muitas especificidades da relação entre *futebol* e *sociedade brasileira*, dimensão já muito problematizada por uma bibliografia ligada às Ciências Sociais, que ganha novas questões a partir de uma abordagem mais estética do fenômeno esportivo.

Com o objetivo de se diferenciar das produções acadêmicas que partem do futebol para analisar questões relativas à sociedade brasileira, mas circundantes à própria prática futebolística, Wisnik procurou investigar o que acontece dentro do campo de futebol. Condição que, para o autor, escapa às classificações sociológicas, consideradas por vezes muito inflexíveis.

A esmagadora maioria dos livros, no entanto, por mais interessantes e esclarecedores que sejam, fala de futebol sem falar do futebol. O assunto é o entorno, aquilo que cerca, mobiliza, reage, produz, envolve, explora o mundo do jogo - o grande universo do futebol subtraído daquilo que é a sua razão de ser. A tentativa, aqui, é tratar desse buraco negro que é o próprio campo do jogo, perguntando sobre o que acontece nele, e seus efeitos. Tentar perseguir as ligações entre o jogo e os processos que o cercam, o interno e o entorno (p.18).

Wisnik, contudo, ignora um significativo conjunto de pesquisas dentro das Ciências Sociais que abordaram o fenômeno futebolístico a partir de uma análise processual, ou seja, com a preocupação de investigar e problematizar os processos e relações – harmônicos e

conflituosos – que operam na construção do futebol em símbolo nacional (por exemplo, os trabalhos de Simoni Lahud Guedes, Luiz Henrique de Toledo e Arlei Sander Damo). Mesmo assim, o autor não deixa de contextualizar os eventos esportivos analisados, problematizando temas recursivos, como a “democracia racial”, o “homem cordial” e a antropofagia brasileira, algumas das várias referências com as quais o autor trabalha. Assim, no livro de Wisnik, cronistas, músicos, historiadores, sociólogos, antropólogos e filósofos são reunidos e “trocam passes” com jogadores, técnicos e outros boleiros.

Porém, a principal “tabelinha” é com o cineasta Píer Paulo Pasolini a partir de um ensaio (“Il calcio ‘è” un linguaggio con i suoi poeti e prosatori”) escrito pelo italiano após a Copa do Mundo de 1970 – denominada por Wisnik como A Copa das Copas -, no qual o italiano traçava analogias entre as formas de jogar futebol e gêneros literários, no caso, prosa e poesia. É a distinção de Pasolini entre *futebol de poesia* e *futebol de prosa* que orienta as análises de Wisnik em grande parte do livro. O primeiro, marcado por um estilo criativo, habilidoso, imprevisível e inventivo e não-linear, característico da escola sul-americana; e o segundo, assinalado pelo estilo de jogo coletivo, pragmático, defensivo, linear e muito tático.

Uma oposição mais complexa do que uma primeira leitura pode sugerir, pois prosa e poesia aparecem interligados, aparentemente embaralhados e muitas vezes indispensáveis um ao outro, principalmente em tempos recentes de mundialização do futebol. Contexto atual que, na leitura de Wisnik, aparece imperado pela dimensão da prosa, enquanto que ao futebol de poesia restaria alguns relances e momentos isolados durante as partidas. Assim, embora o autor não tenha como objetivo hierarquizar prosa e poesia - valores que podem se inverter, pois são estilos que se realimentam mutuamente -, ainda assim predomina, quando enfoca as diferentes formas de se jogar futebol ao longo da obra, uma maior valorização do estilo de “jogar à brasileira”, que teria se consolidado entre as décadas de 1950 e 1970. Algo que será problematizado mais detidamente no decorrer desta resenha.

Logo na introdução, nomeada de “Preliminares”, o autor expõe os objetivos da obra, os pressupostos teóricos e explica seu envolvimento pessoal com o tema. No tópico “A Ilha de São Vicente”, Wisnik expõe sua relação afetiva com o esporte mais praticado no país alimentada desde a infância em São Vicente (município litorâneo do estado de São Paulo, próximo à cidade de Santos). Da juventude vicentina, Wisnik resgata observações sobre o futebol de praia e o futebol de várzea; o momento de escolher um clube para torcer, no caso o Santos Futebol Clube; e o privilégio de acompanhar o surgimento do Pelé e da equipe do Santos da década de 1960.

Tal como no futebol, quando é nas “preliminares” que muitas vezes surgem as maiores surpresas e revelações, temos nesta primeira parte, que antecede os capítulos principais do livro, a narrativa mais envolvente da obra, interligando seu relato mais pessoal aos temas e bibliografias discutidas. Portanto, quando traz sua própria experiência de torcedor e admirador do esporte, Wisnik evidencia como sua própria biografia pauta a visão mais distanciada e interpretativa presente ao longo do livro. Deste modo, Wisnik delimita, logo no início do livro, os elementos pessoais e passionais que influenciaram as observações e interpretações que aparecem nos demais capítulos do livro. Experiências que, segundo o autor, estão relacionadas à sua “incurável tendência a ver sentido em tudo” (p.39).

Na segunda parte, “A quadratura do circo: a invenção do futebol”, Wisnik parte de comentários sobre alguns elementos do jogo, como o modelo da bola ou o formato do campo de jogo, para em seguida reconstituir os jogos de bola e rituais (lúdicos e sagrados) da Mesoamerica, como o *tlachtli*, praticado entre os aztecas (p.70). Realiza, em seguida, uma análise da constituição do futebol na Inglaterra da segunda metade do século XIX, enfocando o processo de racionalização, codificação e “esportivização do jogo” (p.85). Problematisa, ainda, a subjetividade da função muitas vezes interpretativa do árbitro, “um narrador intrusivo em primeira pessoa que está estruturalmente obrigado a se passar por um narrador onisciente

em terceira pessoa” (p.107); a composição das regras; as formas e padrões de jogo; o protagonismo dos técnicos; a singularidade do futebol e o que diferencia de outros esportes, principalmente em contraste com a tríade americana (beisebol, basquete e futebol americano). Em “A elipse: o futebol brasileiro”, terceira parte do livro, Wisnik parte de algumas reflexões mais gerais, inspiradas na obra do escritor Machado de Assis, para depois examinar a “reinvenção” do futebol no Brasil, desde seu advento no final do século XIX, passando pelas várias personagens de diferentes épocas do futebol brasileiro. Garrincha sempre marca presença, a preferida da intelectualidade esportiva, por ser uma personagem paradoxal. Para Wisnik, trata-se do jogador que realizou o “antônimo do drible”, ação de ludibriar o adversário, driblar e “redriblar” pelo mesmo lado que oferece a bola para marcador. O drible, esse movimento elíptico, seria a síntese da singularidade do futebol brasileiro. Por fim, na última parte do livro, “Bola ao alto: interpretações do Brasil”, retoma algumas das muitas questões levantadas no capítulo precedente à luz das obras de três importantes “explicadores do Brasil”: Caio Prado Jr., Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

Ao longo destas três partes, o argumento que reaparece a miúdo no desenrolar argumentativo de Wisnik, expressa no título da obra, é a analogia traçada entre o futebol brasileiro e o emplasto Brás Cubas. Aqui, o principal fenômeno esportivo do país é compreendido pelas propriedades duais de uma droga: o veneno e o remédio. Uma sociedade que oscila entre extremos, entre representações positivas ou negativas da nação, da sua seleção e de seu estilo futebolístico, sempre entre o sucesso e o fracasso.

O futebol brasileiro é, por sua vez, o saldo ambivalente desse déficit, seu veneno e seu remédio prodigioso. Seria mais um mecanismo de fuga entre outros se não fosse, ao mesmo tempo, o campo em que a experiência brasileira encontrou uma das vias privilegiadas para atravessar o seu avesso e tocar as fraturas traumáticas que nos constituem e permanecem em nós como um atoleiro (p.407).

Singularidade que pode ser identificada ainda na substância *fármakon* - “o veneno remédio que converte a violência, a desagregação social, o primarismo, o oportunismo vicioso

e estéril, em arte e em perspectiva de afirmação do país” (p. 243) - que pode ao mesmo tempo curar e acamar. Dualidade que estaria presente na definição de um estilo brasileiro de jogar futebol, reafirmado pelas representações coletivas, cotidianamente realimentadas pela crônica esportiva e pelo imaginário popular.

Trata-se, assim, de um fenômeno que não perdeu suas principais características, mas que vem passando por transformações sociais, políticas e econômicas que provocam fortes mudanças na própria estrutura do jogo, tais como: “otimização do rendimento”; ocupação dos espaços dentro de campo; e aprimoramento do preparo atlético dos jogadores. Nesta lógica da “otimização do rendimento” (p.126), o drible é colocado, por vezes, em suspeita e passível de condenação, acusado de não ser objetivo - como se o propósito do drible não fosse ele próprio. Como lembra Wisnik, o drible pode ser tão eficiente e vertiginoso, descobrindo espaços pouco visíveis.

Portanto, a complexidade deste esporte, assinalado hoje por um “estilo globalizado” (p.27), não pode ser reduzida a um dualismo opositivo, pois a mundialização do futebol exige a convivência, tanto harmônica quanto conflituosa, entre os *paradigmas* do futebol - *futebol-arte*, *futebol-força* -, por meio dos quais pensamos o projeto coletivo de construção de nossa identidade. “Por ora, vale dizer que o jogo de futebol é a arena de um ‘diálogo’ polêmico e plural, corporal, não verbal, onde valem prosa e poesia, leveza e força, argumento e parábola, silogismo e eclipse” (p.120).

Posição que também pode ser adotada em outras questões aventadas por Wisnik, pois a discussão sobre o paradigma do futebol-arte passa pelas concepções positiva e negativa da mestiçagem. Debate comumente apreendido da vasta obra de Gilberto Freyre e que teve ressonância no campo esportivo. Nesta discussão, Wisnik mantém a ousadia já citada. Rejeita perspectivas que procuram desqualificar e questionar a pertinência da questão racial no cenário futebolístico, bem como modelos de raça baseados na oposição branco e negro.

Ousadia que se torna problemática quando defende a afirmação de que o futebol realizou a democracia racial, argumentando que o mesmo não teria ocorrido na sociedade brasileira, ainda marcada pela desigualdade social (p.408). Ou ainda, quando convoca entrelaçamentos entre técnicas corporais e condições sociais que não chegam a ser bem problematizados.

Segundo Wisnik, seu interesse não é escolher explicações sobre a formação do futebol brasileiro, seja pelas capacidades advindas da mestiçagem (como a malandragem e a ginga) ou pelas relações de classe de poder, ambas consideradas isoladamente inoperantes (embora seja nítida a importância dada pelo autor à pertinência da questão racial). O importante é destacar que o caso brasileiro apresenta uma complexa rede de relações raciais que escapa às classificações redutoras do preto ou branco, como pode ser visto na trajetória de diversas personagens (Marcos de Mendonça, goleiro do Fluminense e da Seleção Brasileira, representante da fase áurea do amadorismo; Friedenreich, principal artilheiro das primeiras décadas do século XX e que disfarçava sua mestiçagem; etc.). Múltiplas lógicas que não disfarçam, porém, o fato de que, seja no futebol ou em outra dimensão social, o ideal da “democracia racial” continua distante da realidade brasileira.

Em resumo, ao longo da obra, Wisnik procura sempre exaltar a importância da linguagem não-verbal do futebol e parte dos elementos internos ao jogo – dentro e fora de campo – para abordar questões culturais, sociais, políticas e econômicas, aspectos centrais da nossa formação e identidade. Assim, a partir dos procedimentos da crítica de arte, o autor procura interpretar o futebol “por dentro”, e não a partir de seu entorno. Trata-se de um argumento central da obra. Como já foi dito, as obras, relato de jogos, jogadores, eventos e curiosidades, misturam-se às análises amparadas por diversos referenciais – antropológico, sociológico, psicológico, filosófico. Relacionando pensadores-boleiros de áreas das mais diversas, Wisnik traz uma contribuição interessante para a aproximação e diálogo entre os dois universos.

Porém, nesse trânsito entre o que é “de dentro” e “de fora”, o autor alcança parcialmente uma posição de mediação entre aqueles que pesquisam sobre futebol e os que conhecem na prática os meandros do esporte. Assim, Wisnik acaba por não se distanciar da postura comumente atrelada aos estudos acadêmicos sobre futebol. Não consegue fugir das tentações classificatórias, sugerindo outras dimensões categóricas para a compreensão de uma identidade nacional por meio do futebol. Afinal, ter como perspectiva acompanhar o futebol “de dentro” exige analisar as distintas questões que ajudam a definir o futebol brasileiro, tanto políticas e econômicas, quanto os valores estéticos, raciais, corporais etc. Nesse sentido, Wisnik pouco se distancia de outras obras que vêm alinhando “futebol e sociedade (ou cultura)” a fim de esmiuçar a importância do primeiro para a compreensão do segundo.

Embora muito bem escrito, o livro não deixa de apresentar excessos em certas passagens. Virtuoso e exageros que não chegam a atrapalhar a fluidez da leitura, porém afastam a obra da linguagem não-verbal futebolística almejada inicialmente. Assim, ao mesmo tempo em que procura se afastar do rigor exigido dos trabalhos acadêmicos, Wisnik também se distancia de seus objetivos ao lançar mão de um estilo que é, em certos momentos, excessivamente firulento (tal como o driblador Robinho, citado várias vezes ao longo do livro) e verborrágico.

Vale ressaltar, de forma geral, que Wisnik, tal como outros autores, traz importantes contribuições aos estudos das Ciências Sociais, ora rejeitando dicotomias redutoras ora criando e recorrendo a novas. Mesmo sem uma preocupação de reconstituir detidamente a discussão acadêmica, priorizando uma análise semiótica e estética, Wisnik traça um diálogo consistente com os campos da Antropologia e da Sociologia. Além disso, apresenta especificidades em relação a outros trabalhos, principalmente no que se refere à importância analítica conferida aos elementos internos da prática futebolística e principalmente com as aproximações com a dimensão estética do jogo.